

FAAO

An abstract painting by Wim Adriaenssens, featuring a dark, textured form on the left side, possibly representing a male figure, set against a background of layered, organic shapes in shades of yellow, green, and white. The overall style is expressive and gestural.

ano I . # I

WIM ADRIAENSSENS

OMER GA'ASH

Lucien Freud

**Nudez masculina:
o mal-estar**

Vocabulário peniano

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Nota do editor sobre nudez:

Por favor, entenda que esta publicação é sobre a representação da masculinidade na Arte. Há, portanto, imagens de nus masculinos, incluindo imagens de genitália masculina. Consulte com precaução caso sintá-se ofendido.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.

Editorial

No ano passado, com o fechamento da exposição *Queermuseum* e as confusões envolvendo homens performers nus, percebi que alguma coisa está errada: o **nu masculino incomoda**. E mais: **o pau incomoda**.

Vi poucas manifestações significativas na Arte e comecei a estudar. Mesmo que superficialmente, fui capaz de encontrar uma série de informações relevantes que nunca são ditas.

Então... com toda essa “caça aos bruxos”, resolvi agir.

Escrevi no meu blog o texto *Os Olímpios* (aqui publicado como *Apresentação*) e disparei e-mails para vários artistas que gostariam de conversar sobre o tema, esperando qualquer resposta.

O que você irá ver a partir de agora é o resultado dessa iniciativa catártica que urge em mim e no mundo: uma revista que tem como sua essência discutir o nu masculino na Arte de forma aberta e ampla sem se esgotar.

Cada revista deve trazer dois artistas que hoje trabalham com a figura masculina (obrigado Wim e Omer por acreditarem!) e um artigo de história da arte, onde trago um pintor conhecido, já estabelecido, que pintava homens nus (*Falo*

de História). No fim do artigo, uma obra de outro pintor conhecido e estabelecido para ratificar a presença do nu masculino na arte (*Falo em Foco*).

Também me disponho a escrever um texto sobre o tema (*Falorragia*) e trazer outro de um convidado. Aqui trago a crônica de João Baldi Jr. para o site *Papo de Homem* (obrigado Jader e Luciano!) sobre o que todo homem sente e provavelmente pensa sobre sua própria nudez.

E fecho com a coluna *moNUmento*, onde um momento de nudez masculino recebe destaque. Nesta edição, eu começo a me despir em uma foto com um simples gesto. É uma representação do que faço aqui nesta revista para você: exponho vulnerabilidades e naturalidades, as minhas e as suas.

Ainda tive o prazer de contar nesta edição (se tudo der certo, em todas), com uma charge do cartunista Adão Iturrugarai que sempre foi bem contundente em seus trabalhos, sem medo de mostrar e falar sobre o corpo, sobre sexo, sobre o pau. É só ver *Aline* ou *Rock & Hudson* e percebe-se que Adão é vanguardista.

Esse espaço permanecerá disponível até quando eu conseguir (porque fazer tudo sozinho sem fins lucrativos não é fácil, minha gente).

Aproveitem e aprendam.

Filipe Chagas, editor

APRESENTAÇÃO
Os olímpios

4

Wim Adriaenssens

10

Omer Ga'ash

20

FALO DE HISTÓRIA
Lucien Freud

30

FALO EM FOCO

41

PAPO DE HOMEM
Nudez masculina: o mal-estar

42

FALORRAGIA
Vocabulário peniano

50

moNUmento

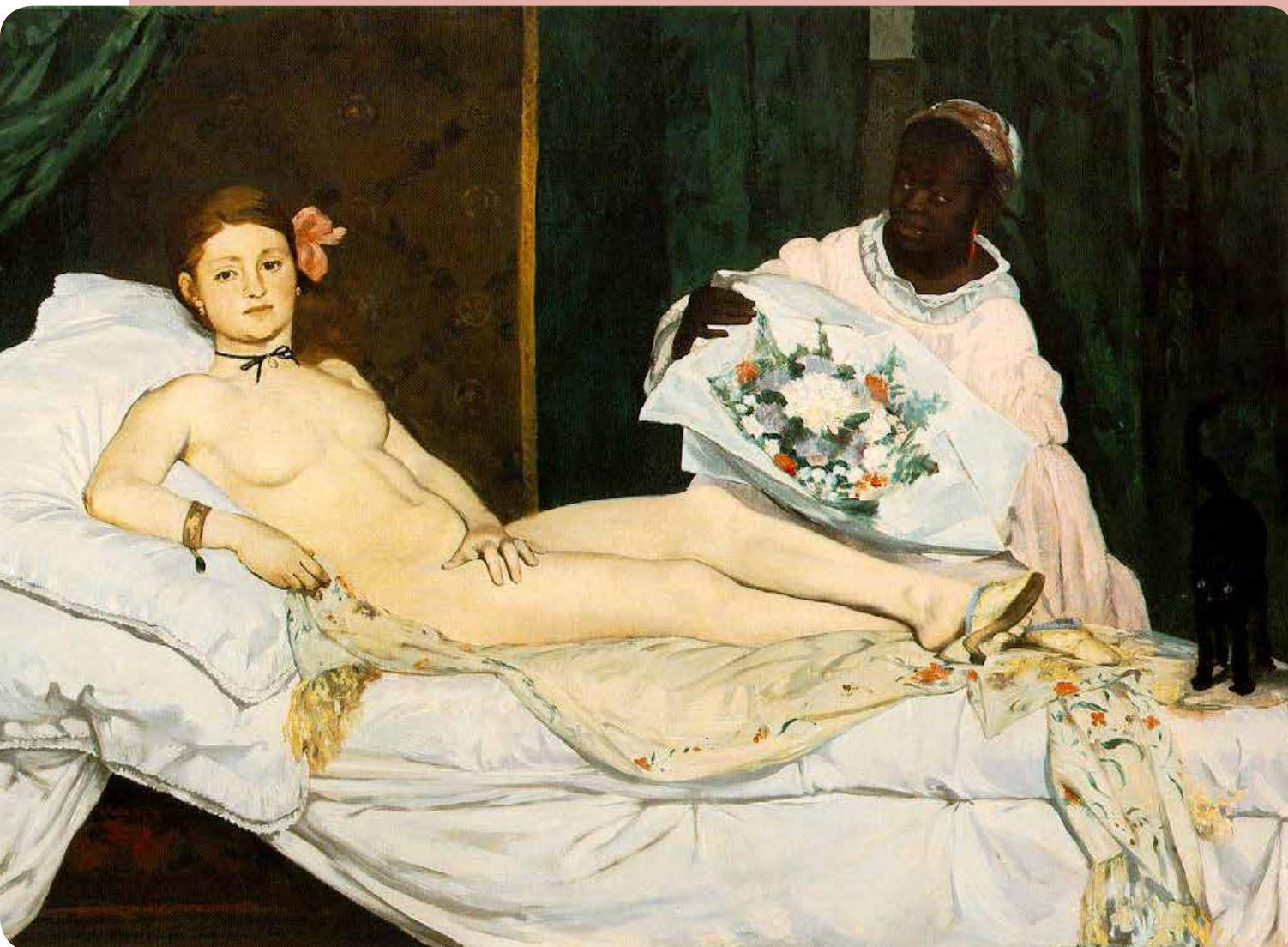
55

Os olímpios

por Filipe Chagas

Segunda metade do século 19.

Alguns pintores resolveram parar de idealizar o cotidiano com alegorias e metáforas para fazer obras que mostrassem a realidade e representassem a vida como ela é (que deu no movimento artístico denominado *Realismo*). Em 1863, Édouard Manet pintou *Olímpia* (óleo sobre tela, 1,3 x 1,9 m, Museu d'Orsay), inspirado pela *Vênus de Urbino* de Ticiano e pel' *A maja desnuda* de Goya. Dois anos depois, *Olímpia* foi selecionada para ser exibida no Salão de Artes de Paris.



Acima: *Olímpia*. Na página ao lado, de cima para baixo: *Vênus de Urbino* e *A maja desnuda*.

IMORAL! VULGAR!

Esses foram os xingamentos mais leves que o precursor do Impressionismo recebeu dos críticos conservadores da época.

O nu artístico sempre existiu, porém, de forma acadêmica (como estudos do corpo humano com modelos vivos), alegórica (em cenas mitológicas) ou exótica (mostrando povos distantes e considerados primitivos). Quando Manet representou uma prostituta de luxo fora desses três contextos, ele deslocou o nu do imaginário profano para a realidade pudica (e hipócrita).

BLASFÊMIA!

E ele fez mais: ao colocar a mulher olhando diretamente o espectador com a mão tampando seu sexo, ele deu poder à ela. É ela quem manda no sexo, é ela que dá acesso e controla sua própria sexualidade.

QUE ABSURDO (para uma sociedade machista e patriarcal)!

UM ESCÂNDALO!

O escritor francês Émile Zola saiu em defesa do pintor:

Quando outros artistas corrigem a natureza pintando Vênus, eles mentem. Manet perguntou a si mesmo porque deveria mentir. Por que não dizer a verdade?

Manet ficou arrasado com as reações do público. Seu amigo, o poeta francês Charles Baudelaire, ficou preocupado:

Manet tem um grande talento, um talento que resistirá. Mas ele é frágil. Pareceu desolado e atordoado pelo choque. O que me impressiona é a alegria de todos os idiotas que acreditam que ele foi vencido.





O pintor chegou a se isolar, mas (ainda bem) foi tirado do ostracismo pelos impressionistas capitaneados por Berthe Morisot, Camille Pissarro e Claude Monet (que foi responsável por comandar uma campanha em 1890 para que a tela fosse comprada e doada para coleções públicas).

Ele deveria ter conversado mais com Gustave Courbet, pintor da obra *A origem do mundo* (ao lado), censurada pelo Google e pelo Facebook...

Corta, então, para o início do século 21.

Em julho de 2017, o artista Maikon K realizou em um projeto privado a apresentação da performance *DNA de DAN*, na qual fica nu com o corpo coberto de um líquido que se resseca aos poucos, até, ao fim, se quebrar, revelando a pele do artista (foto abaixo de Victor Takayama). Foi preso de forma truculenta por **ATENTADO AO PUDOR** e **OBSCENIDADE**, mas fez questão de declarar:

Podem me colocar diante de um juiz. Eu sei que eu não fiz nada de errado nem nada pelo qual eu deva me envergonhar.

6



Eu estava trabalhando, e minha função é essa: perturbar a paisagem controlada dos sentidos. O meu corpo afronta os seus canais entupidos, o seu ódio contido, mesmo estando parado. Porque vocês nunca vão me controlar e eu pagarei o preço, eu sei, eu sempre paguei. Porque parado ali, nu, imóvel no meio da praça, suas vozes me atravessam, suas piadas estúpidas tentam me derrubar, sua indiferença me faz rir, seu embaraço me dá dó, mas eu continuo em pé.

Em setembro de 2017, o artista Wagner Schwartz realizou em um museu de arte a apresentação *Le Bête*, na qual manipula uma réplica de plástico de uma das esculturas da série “O Bicho”, de Lygia Clark, e se coloca nu, vulnerável e entregue à performance artística, convidando o público a fazer o mesmo com ele (foto acima de Humberto Araújo). O evento tinha avisos de classificação etária. Uma mãe (coreógrafa e também artista performer) levou a filha para interagir com o artista. Foi filmada e... **PEDÓFILO! CRIMINOSO! DESTRUÍDOR DA FAMÍLIA TRADICIONAL BRASILEIRA!**

Esses são apenas dois acontecimentos entre a dezena de censuras que a Arte vem sofrendo no atual momento. Vivemos um período de transição e polarização que a Arte insiste em escancarar. Disse Zola:

7

Basta ser diferente dos outros, pensar com a própria cabeça, para se tornar um monstro. Você é acusado de ignorar a sua arte, fugir do senso comum, precisamente porque a ciência de seus olhos, o impulso de seu temperamento, levam-no a efeitos especiais. É só não seguir o córrego largo da mediocridade que os tolos apedrejam-no, tratando-o como um louco.

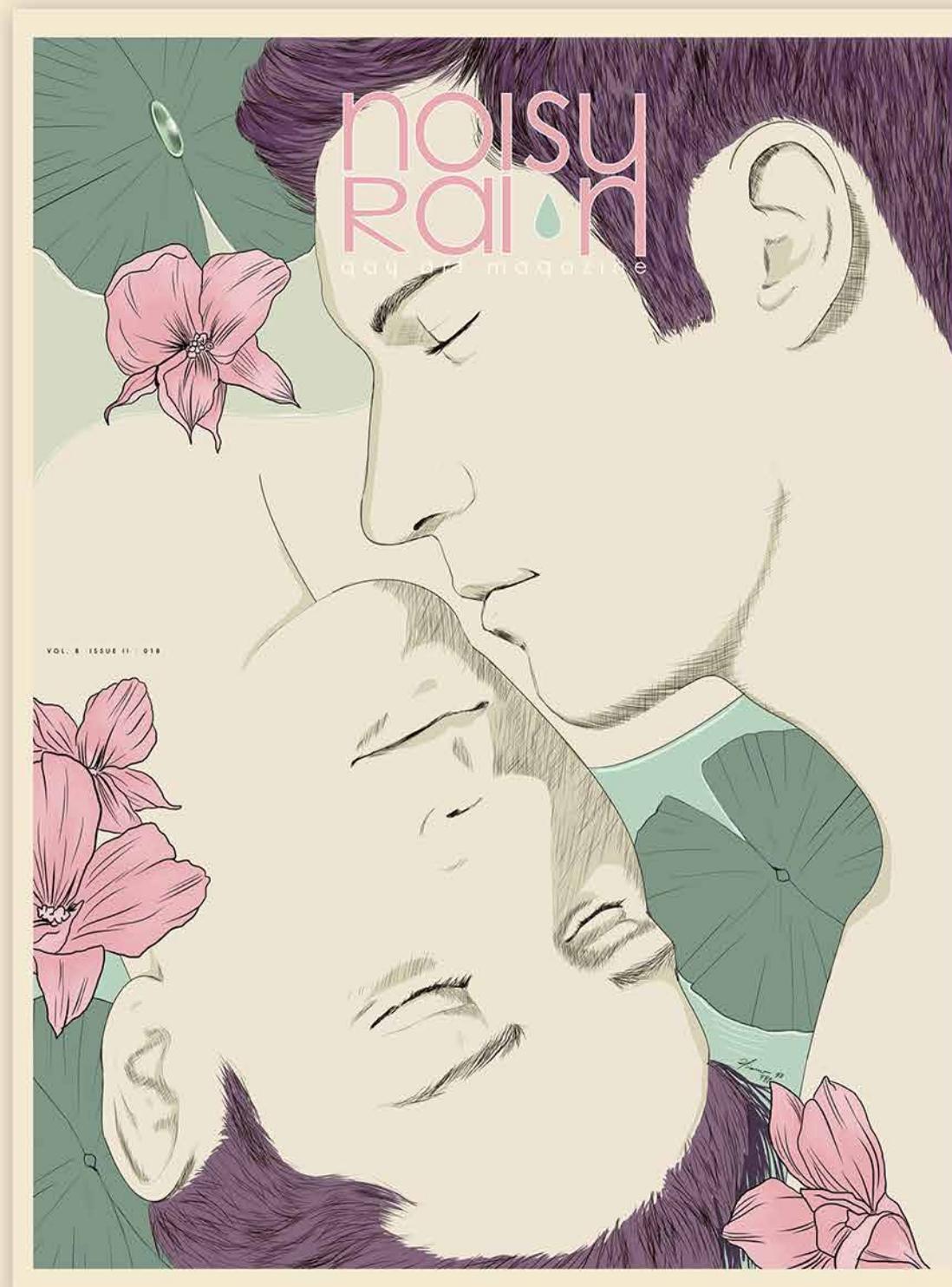
A nudez é um dos tabus mais hipócritas que temos hoje em dia. Em nossa sociedade, pode-se usar roupa íntima na praia, mas não se pode amamentar em público. Pode-se colocar crianças maquiadas dançando funk eroticamente, mas não se pode expôr a criança à manifestações artísticas mais contundentes. Pode-se dar uma arma de brinquedo, mas jamais ir a uma praia de nudismo. Mande nudes, mas não tome banho com seu filho.

A nudez feminina vem sendo “trabalhada” há séculos, enquanto a nudez masculina se resume à estátuas gregas com folhas de parreira ou membros pequenos que (não) chamam atenção. Maikon K e Walter Schwartz se colocam no lugar da *Olímpia* e confrontam os padrões tanto da representação masculina quanto da Arte em si.

Esse é o papel da Arte (dita contemporânea) desde que as vanguardas do século 20 começaram a questionar o que vinha sendo feito em busca de maior expressividade ao invés de restrições estéticas. Técnicas e suportes foram sendo experimentados e substituídos. O corpo se tornou ferramenta e meio. Gostar ou não gostar não é mérito da Arte: isso é um problema do espectador.

Toda essa discussão só incentiva ainda mais a produção artística. E eu espero muita gente pelada por aí. **8=D**

8



A ARTE DE SER ESPECIAL · A ARTE DE SER BELO

REVISTA DE ARTE GAY ONLINE

para artistas e amantes da arte

noisy
rain
gay art magazine

WWW.NOISYRAIN.COM



A Desde que se entende por gente, Wim Adriaenssens, estava desenhando ou pintando. Nascido na Bélgica em 1968, deixa claro os seus interesses ao ter estudado moda, design têxtil e design de interiores, entretanto, não se reconhece como artista, pois acha que isso é um rótulo da sociedade:

Eu faço o que faço e não há nada mais que queira fazer.

Wim Adriaenssens

por Filipe Chagas

Deitado, óleo sobre tela. Série Learning to Fly.

Como pintor, Wim é figurativo, mas parece usar os materiais quase como de forma abstrata, com um toque bem gestual. Isso se deve ao fato das telas estarem no chão ao pintar para aproveitar seu próprio movimento (influência da Action Painting de Pollock). Com isso, ao mesmo tempo que são decorativas, suas obras possuem intensa carga emocional.

Em sua pesquisa por materiais, Wim encontrou a terebintina veneziana, um antigo diluente para tinta óleo, que acabou se tornando o diferencial na sua pintura.

Seu uso da tela é muito particular, pois remete ao “Princípio de Wu Wei”, onde nada é artificial ou exclusivamente voluntário. Wim usa

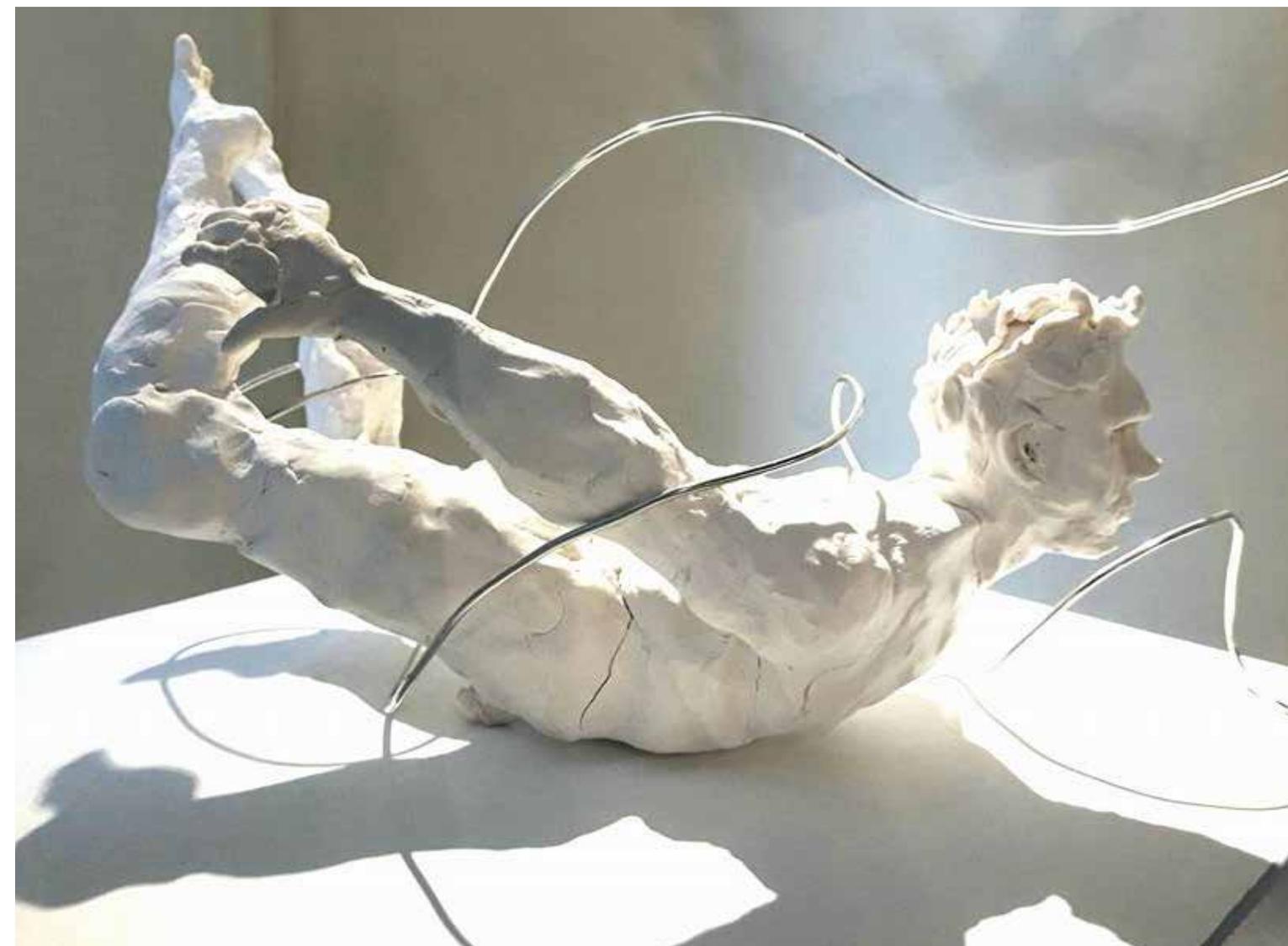
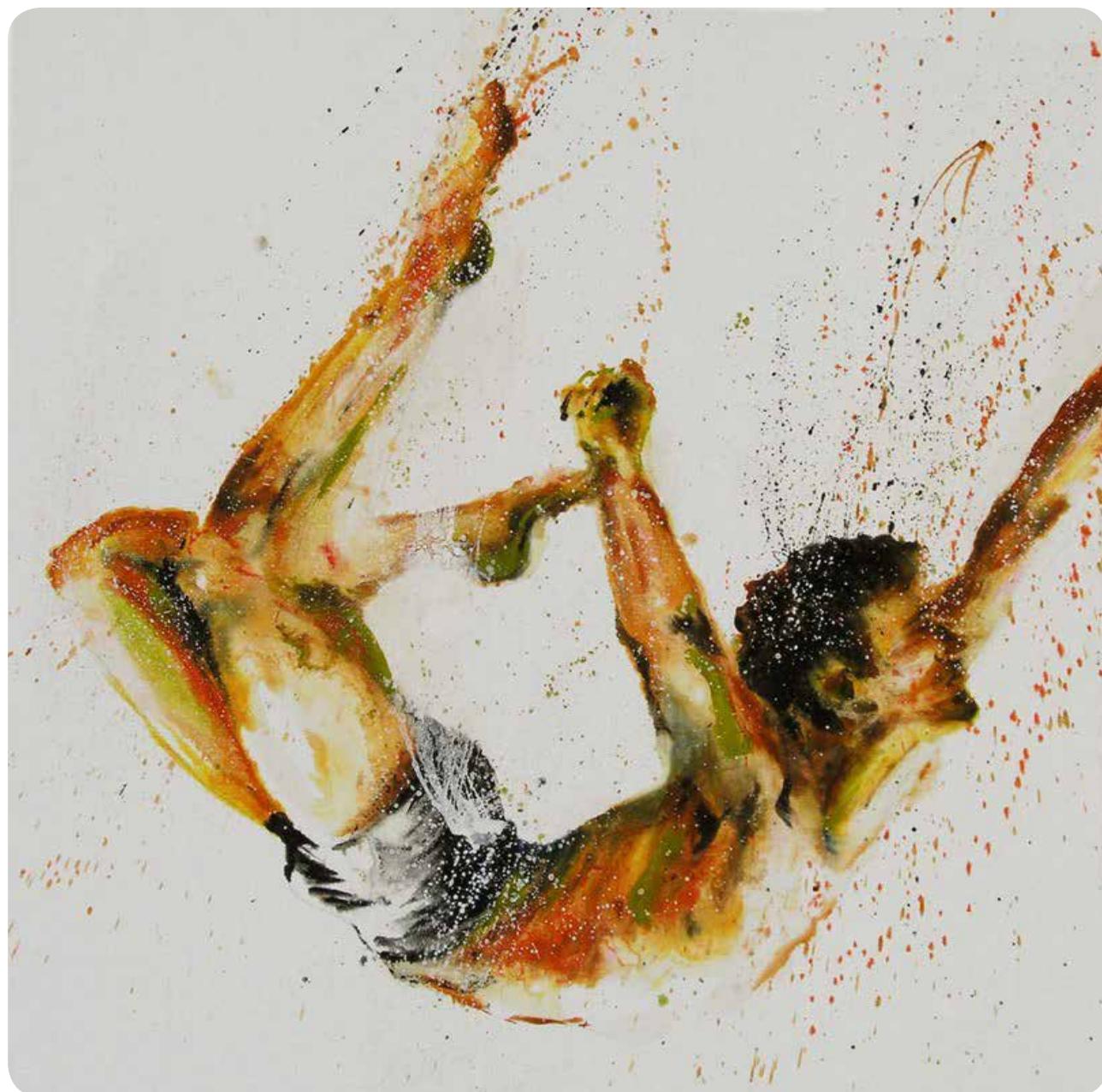
a parte da tela que é interessante para contar sua história; o resto é deixado com as manchas de suas pinceladas energéticas ocorridas naturalmente durante a pintura.

Ele acredita que sua opção de pintar o corpo humano venha de sua relação com a Moda, pois realizou constantes estudos da anatomia e criou inúmeras coleções masculinas. Porém, Wim ainda se sente intrigado com o desconforto das pessoas a partir da visão do nu masculino, principalmente na Arte:

Eu não entendo, porque já há séculos é comum ver mulheres nuas na arte. E às vezes tem consequências, como por exemplo, ser bloqueado no Facebook em 2018... Não há nada anormal em retratar um pênis. É parte do corpo humano!



Wim em seu ateliê.



Pop up (porcelana). Na página anterior: Queda livre 3 (óleo sobre tela). Série Learning to Fly.

Olhe as estrelas, porcelana.

“A carga sexual está ou na forma retratada ou na cabeça do espectador”

Como escultor, Wim inspira-se em Rodin e mantém o processo abstrato-figurativo em obras relacionadas às suas pinturas. Escolheu a porcelana como material por sua fragilidade e transparência, mas a utiliza de maneira grosseira para causar contraposição com essas características.

Wim trabalha a partir de fotos, pois um modelo não aguentaria manter a posição e a expressão pelo tempo necessário para a conclusão de seu trabalho. Isso torna seu processo criativo mais natural:

“É algo que me desencadeia em uma pessoa. Às vezes, uma coisa banal e estúpida que me faz querer pintar e transferir essa emoção na minha pintura”

Seus modelos são amigos ou são escolhidos randomicamente na rua para uma sessão de fotos, seja com ou sem roupas, uma vez que para ele a emoção que ele deseja captar é mais importante do que uma parte do corpo específica. Por exemplo, na série *homo copulandus*, Wim retratou homens durante o prazer sexual e, portanto, aparecem ereções. Já na série *Learning to Fly*, o pênis não tem importância e pode aparecer ou não.

Não quero ver, óleo sobre tela.
Série *Mute conversations*.



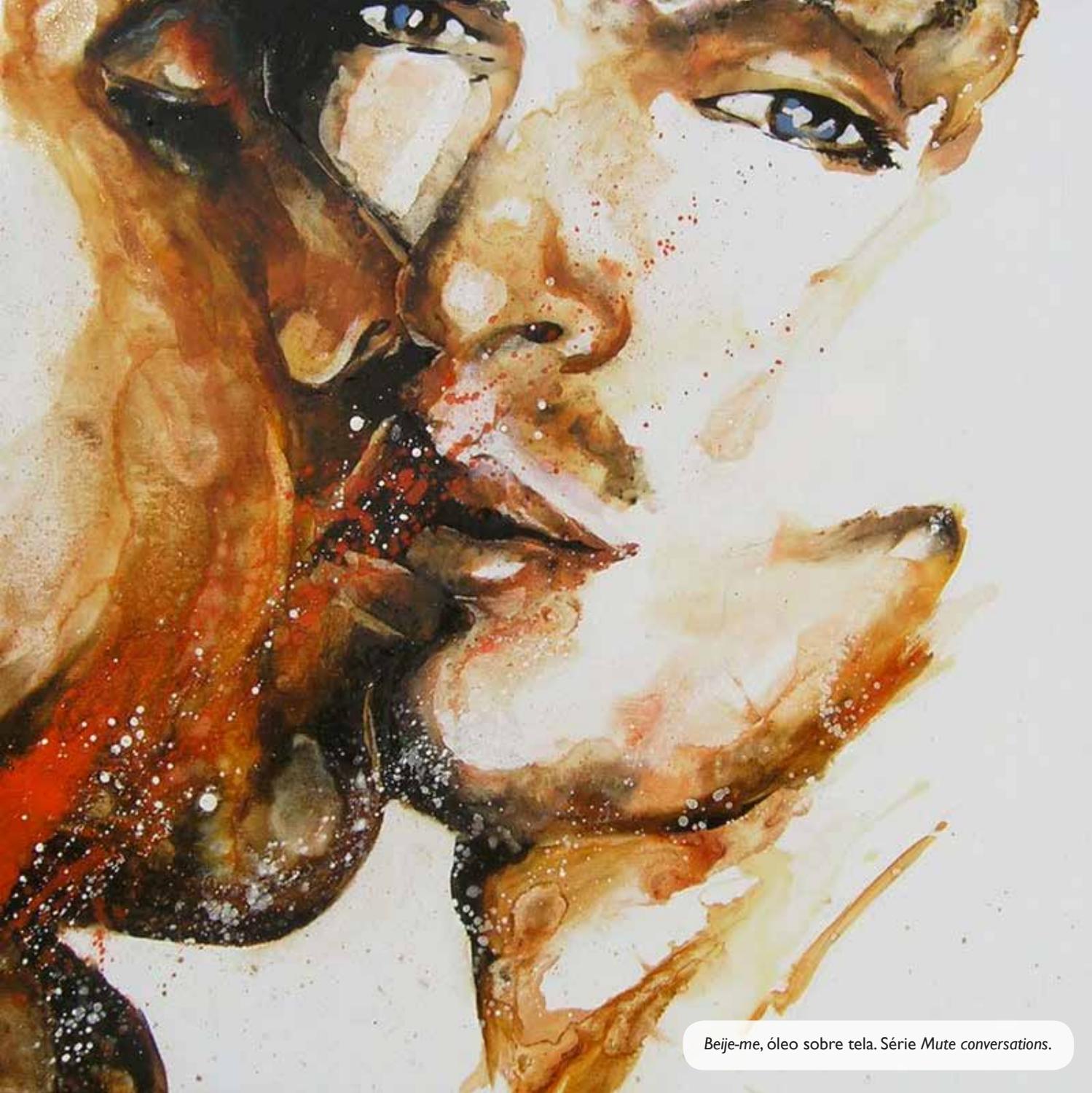
Pra trazer de volta o reino dos deuses,
óleo sobre tela. Série Learning to Fly.



Amor incarnado, óleo sobre tela. Série homo copulandus.



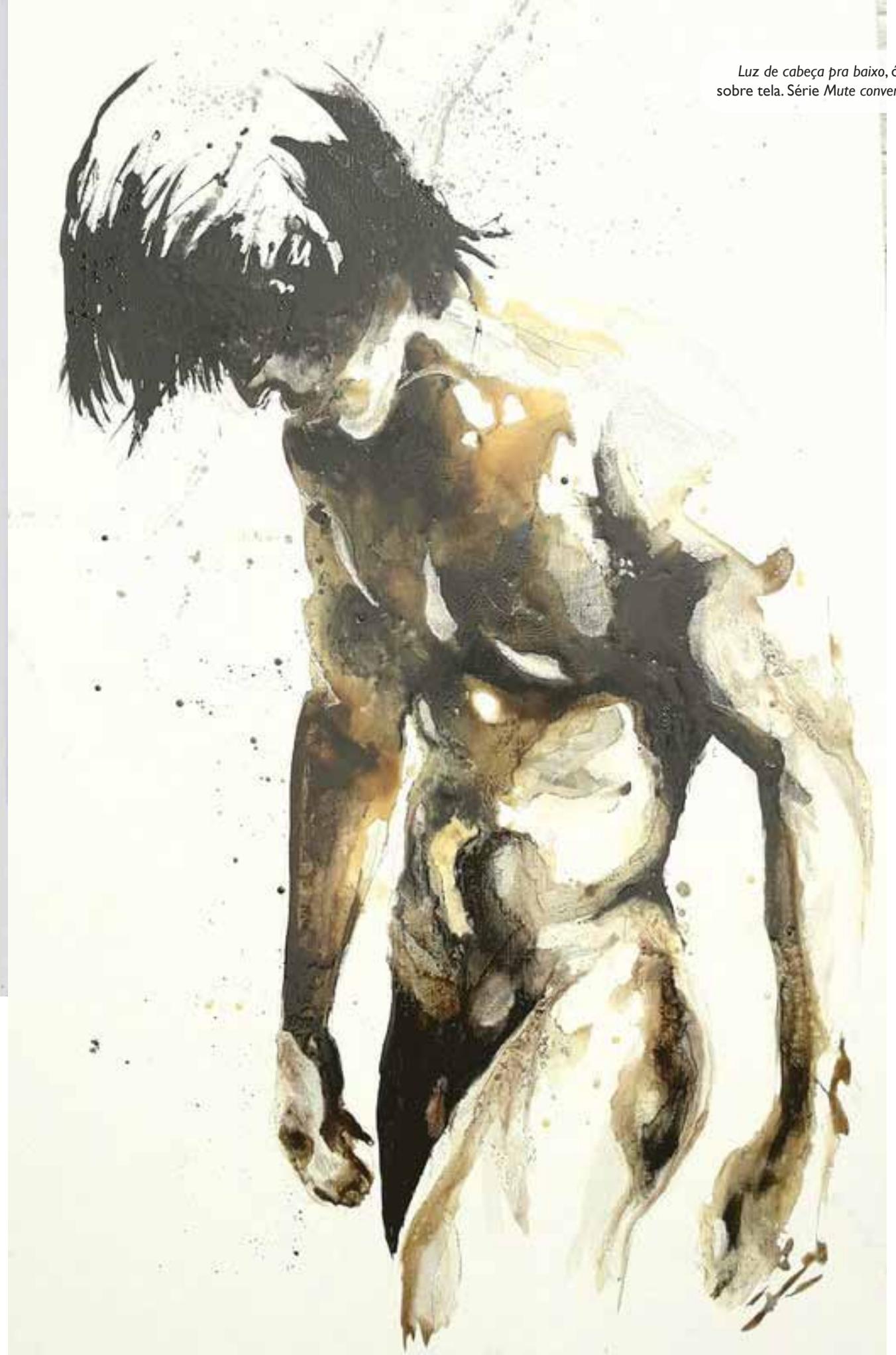
Queda livre, óleo sobre tela. Série Mute conversations.



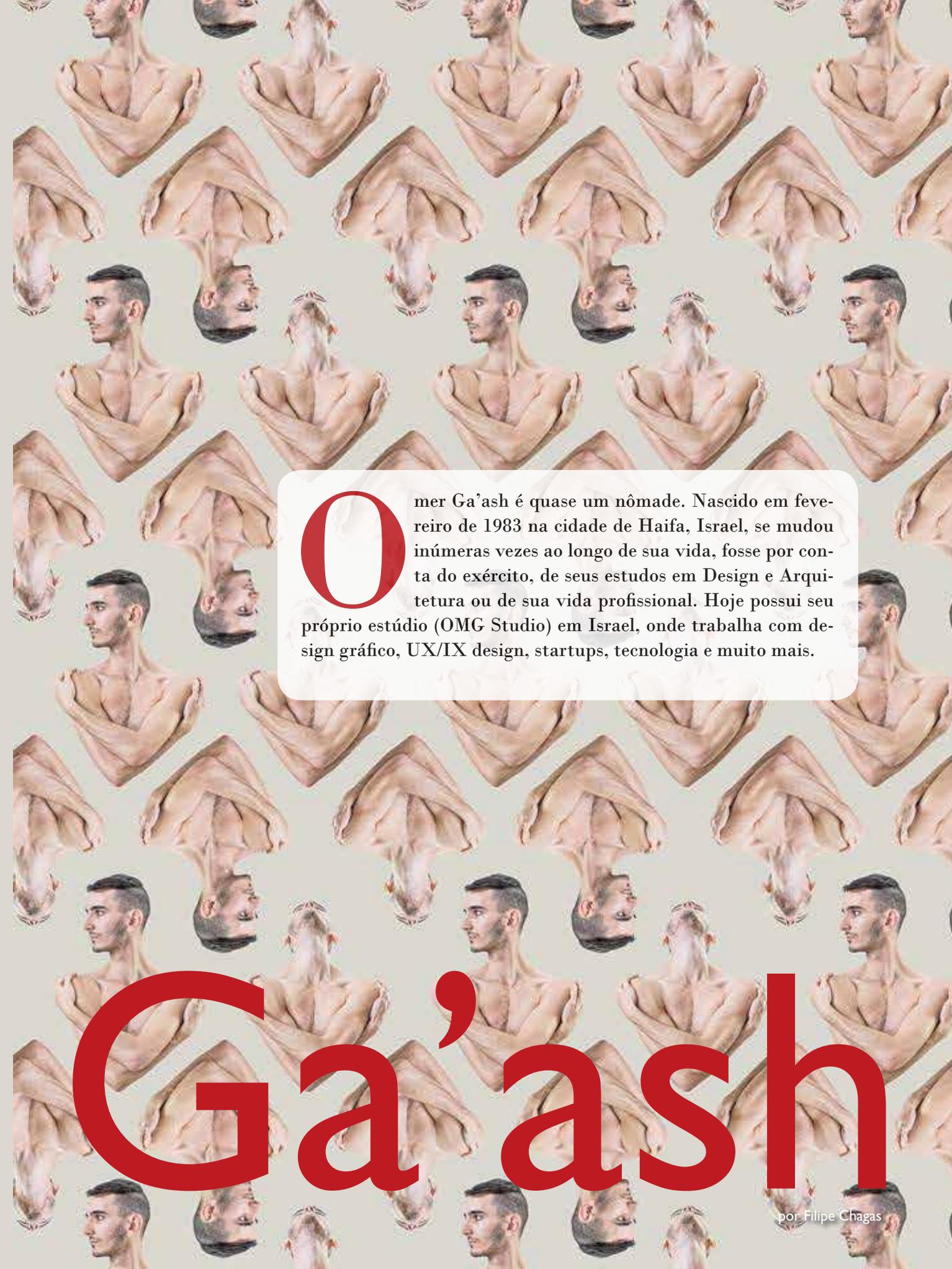
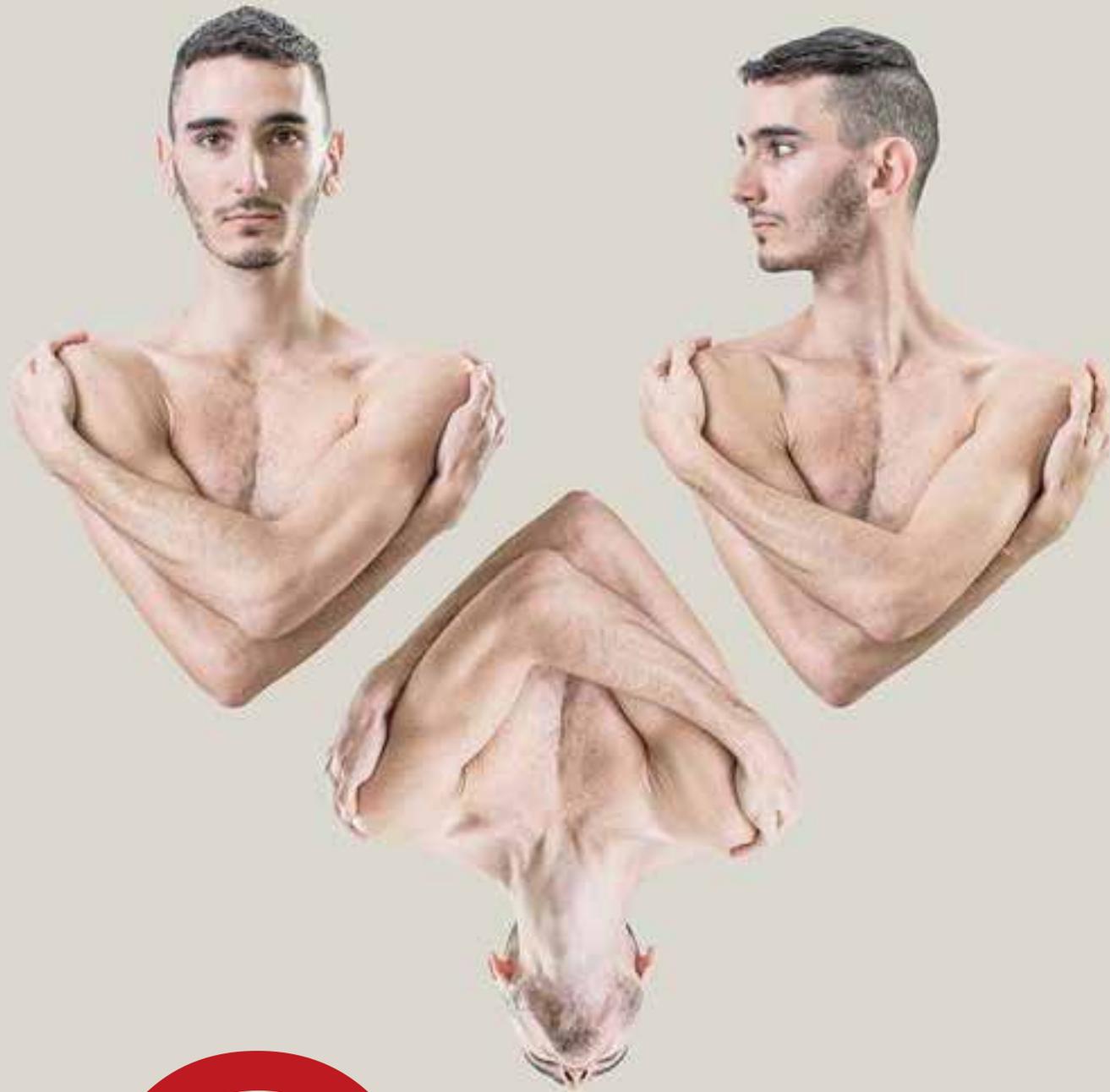
Beije-me, óleo sobre tela. Série *Mute conversations*.

Por acreditar que a Arte ainda é uma exceção social que pode abrir as portas para uma discussão sobre o nu masculino, Wim pretende continuar a produzir e expôr seus trabalhos, independente de repercussões negativas ou bloqueios virtuais.

“Seja honesto consigo mesmo” é o conselho que ele dá e segue à risca. **8=D**



Luz de cabeça pra baixo, óleo sobre tela. Série *Mute conversations*.



Omer Ga'ash é quase um nômade. Nascido em fevereiro de 1983 na cidade de Haifa, Israel, se mudou inúmeras vezes ao longo de sua vida, fosse por conta do exército, de seus estudos em Design e Arquitetura ou de sua vida profissional. Hoje possui seu próprio estúdio (OMG Studio) em Israel, onde trabalha com design gráfico, UX/IX design, startups, tecnologia e muito mais.

Omer Ga'ash

Omer teve uma infância feliz, mas nunca esteve satisfeito com seu corpo magro, seus óculos e seu cabelo. Por volta dos 18 anos decidiu começar a documentar as mudanças de seu corpo através de fotos sem qualquer intenção artística. Com o tempo foi testando luz, ângulos e diferentes locais para se entender melhor. Foi aí que percebeu o valor e a liberdade de ficar nu, sensações ampliadas quando as fotos eram feitas ao ar livre. Aos poucos, ficou cada vez mais imerso em composições, iluminações e direção de arte, fazendo que começasse a buscar modelos e desenvolvesse uma linguagem própria para expressar sua paixão pela nudez masculina em sua arte.

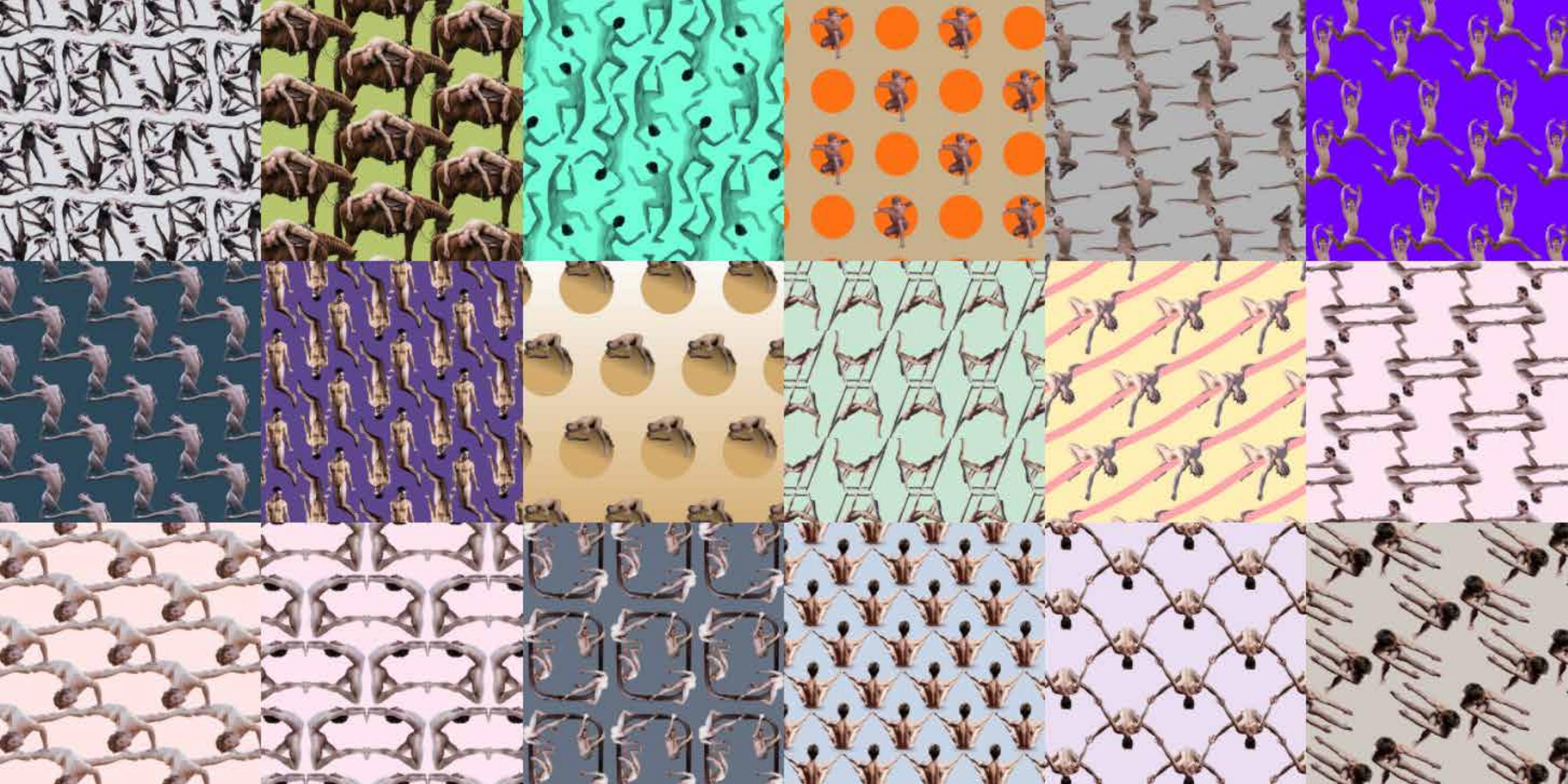
Prefere que os modelos sejam dançarinos, pois sabe que eles – além de manterem a forma física – sabem como movimentar seus corpos e acrescentam ao processo criativo.



Fotografia com o dançarino Maxime Bordessoules.



Fotografia finalista do *Photoshoot Awards NUDE 2018*.

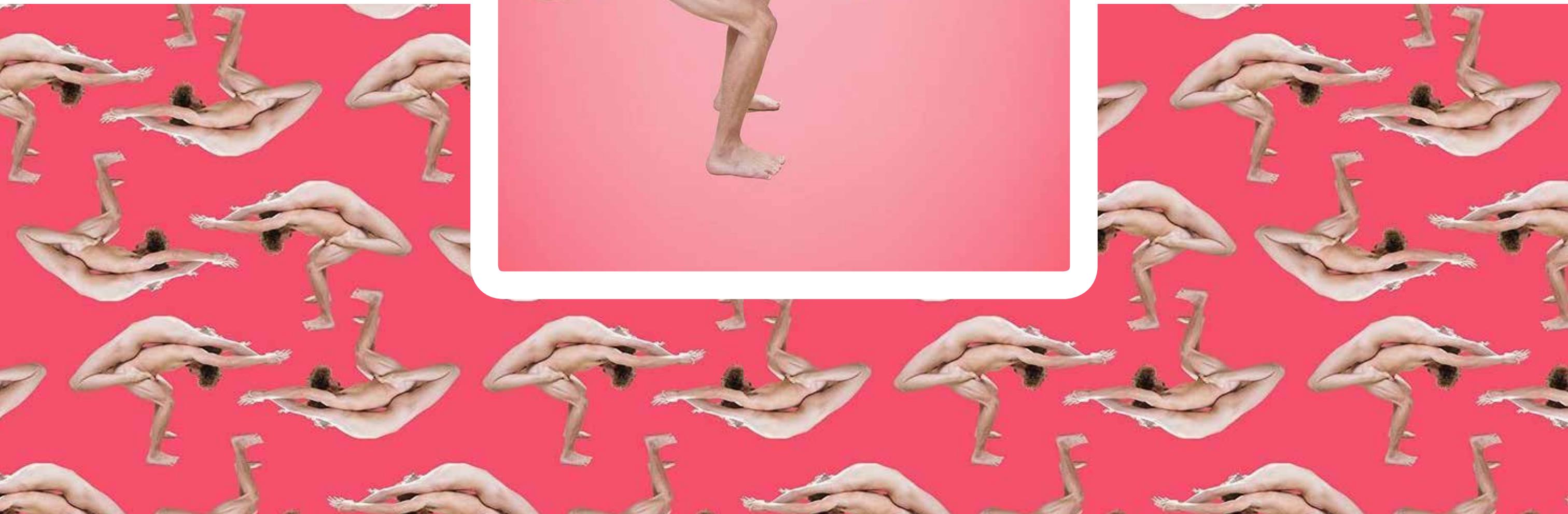


O corpo masculino é a escolha de Omer não somente por sua orientação sexual, mas por considerar sua familiaridade com as formas do gênero e sua capacidade de tirar o máximo delas:

É mais fácil pra mim e eu me sinto mais confortável, mas não quero apenas trabalhar necessariamente o corpo masculino. Quero trabalhar com todo mundo!

Seu projeto atual *Nude Texture* tem o objetivo eliminar o medo da nudez. Para Omer:

Será sempre esquisito ser o único nu no meio da multidão. Porém, quando todo mundo está nu, fica menos estranho.





Dessa forma, ao multiplicar a nudez, Omer elimina questionamentos sexuais e a devolve à naturalidade do dia-a-dia. As formas criadas pelos corpos tornam-se estampas moduladas e alteram nossa percepção. É preciso um olhar metonímico, onde a parte representa todo.



A aplicação dessas estampas é feita em objetos do cotidiano: capaz de celular, bolsas, almofadas, cortinas de banheiro, toalhas etc. para enfatizar sua principal mensagem: “nudez não é um problema”.

O interessante é que o nu frontal não aparece no trabalho de Omer. A estética do corpo é mais importante que a sexualidade, então, ele evita que o foco se torne o pênis (ainda mais se estiver ereto). Porém, deixa claro que se a composição fotográfica ou da textura pedir o nu frontal, ele irá usar.

Sessão fotográfica do projeto *Nude Texture*. (foto: Xnet) que resultou, por exemplo, em uma almofada.

Apesar da carga religiosa, Israel é um local de boa aceitação das formas expressão individuais e coletivas, facilitando o desenvolvimento artístico de Omer. Recentemente fez uma parceria com o cantor e pintor David D’Or no projeto *Canvas the Movement*: D’or pintou em grandes telas no chão e, sobre elas, foi colocado um modelo masculino que também foi pintado; enquanto isso, Omer fazia direção e fotografia a partir de uma composição vista de cima. As fotografias foram impressas em vidros e acrílicos em grandes formatos para uma exposição que percorreu vários países.

Omer pretende dar continuidade ao projeto *Nude Texture*, estendendo-o à Arquitetura e ao Design de Interiores. Gosta de se sentir artista, mas crê que essa classificação também está no espectador que o vê também como fotógrafo e designer. 8=D

Projeto *Canvas the Movement*.



TOUR GORDON

NY

SIGHTSEEING TRANSFER PHOTOGRAPHY VIDEO

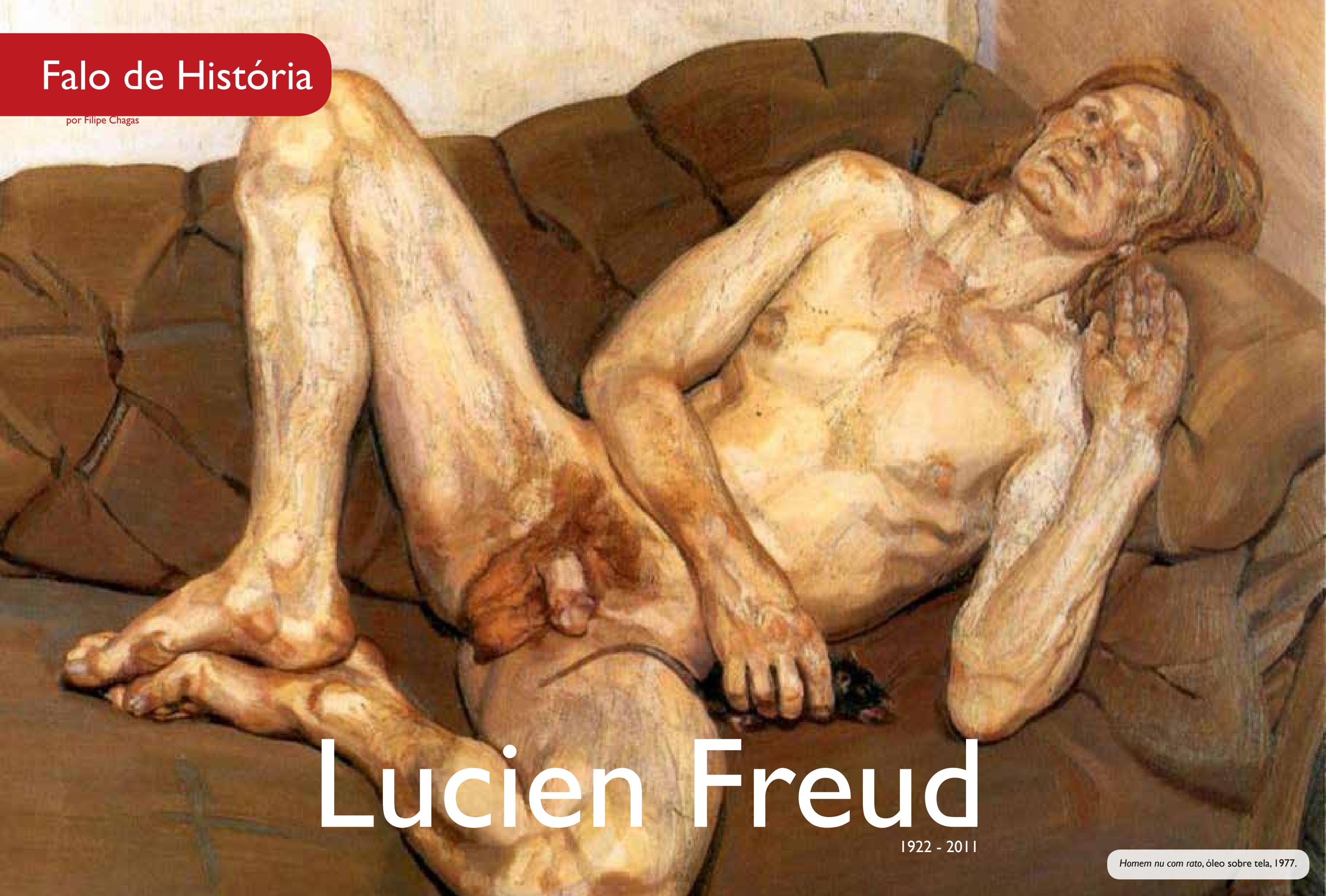
We truly LOVE what WE do and WE want to serve YOU whenever YOU want.

www.tourgordon.com

tourgordon212@gmail.com +1 551 221-0341 Mehmet

Falo de História

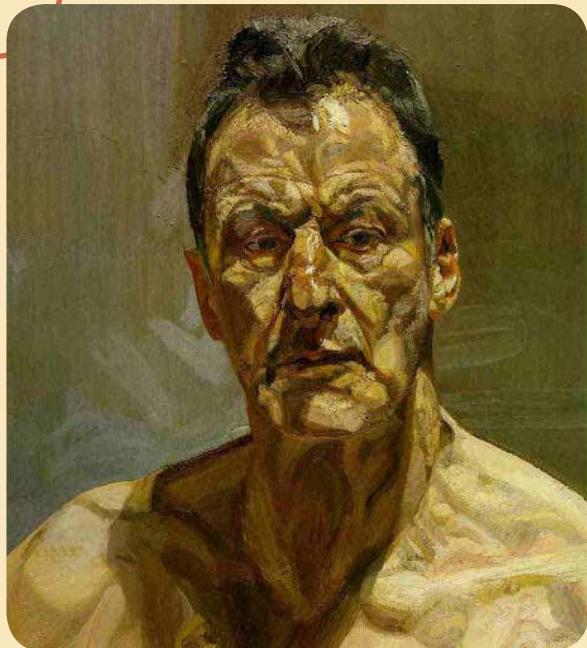
por Filipe Chagas



Lucien Freud

1922 - 2011

Homem nu com rato, óleo sobre tela, 1977.

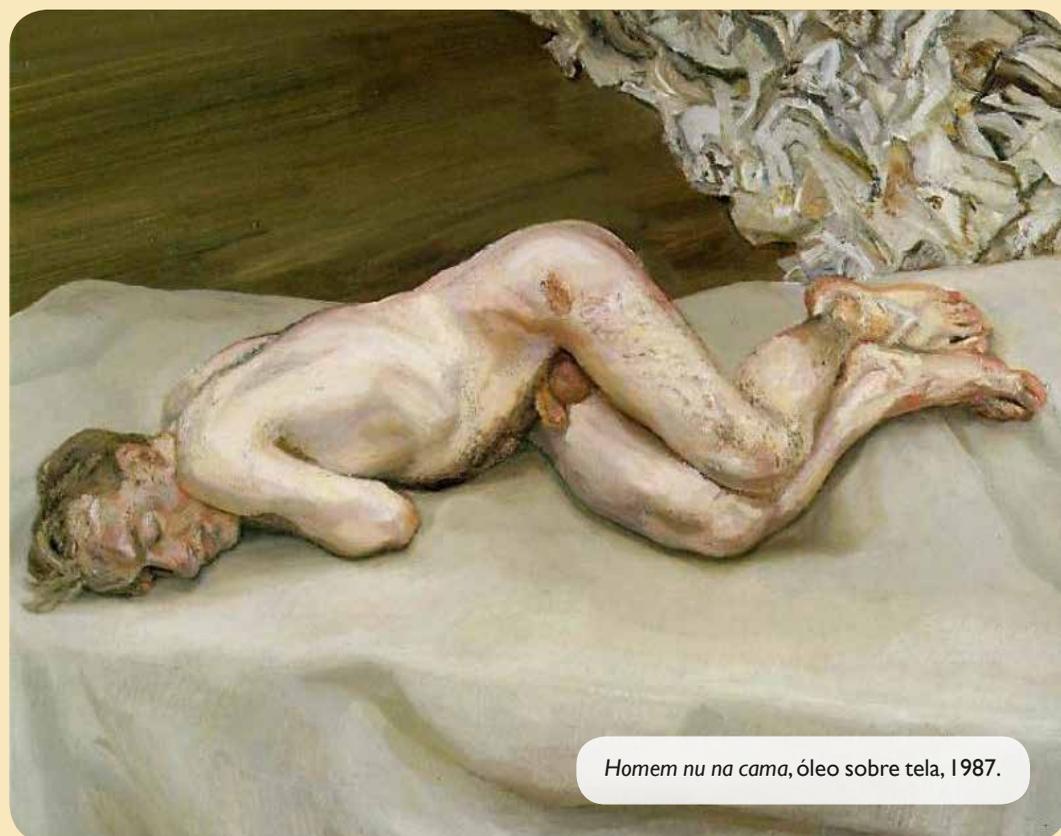


Reflexo, óleo sobre tela, 1985.

Filho de pais judeus – o arquiteto Ernst Ludwig Freud e Lucie Brasch –, **Lucien Michael Freud** nasceu na Alemanha em 1922. Para escapar do nazismo, sua família fugiu para Londres em 1934 e obtiveram a cidadania britânica em 1939. E sim... o sobrenome é o mesmo de seu avô, Sigmund Freud!

Estudou até 1942 na Central School of London e, nos anos seguintes, já ilustrava um livro de poemas e montava uma exposição na Lefevre Gallery. As primeiras pinturas de Freud são frequentemente associadas com o Expressionismo alemão (o que ele sempre recusou aceitar) e o Surrealismo por apresentar pessoas e plantas em justaposições incomuns. No entanto, existe um consenso geral entre os críticos de que absorveu desde muito cedo os desenvolvimentos vanguardistas de Berlim e da Viena modernista. Com efeito, fez-se também as comparações entre suas obras e a figuração contundente dos membros e a coloração pálida de Ferdinand Hodler, o erotismo frígido de Gustav Klimt, o retrato macabro de Oskar Kokoschka e a apreciação de Egon Schiele sobre a forma humana flexível.

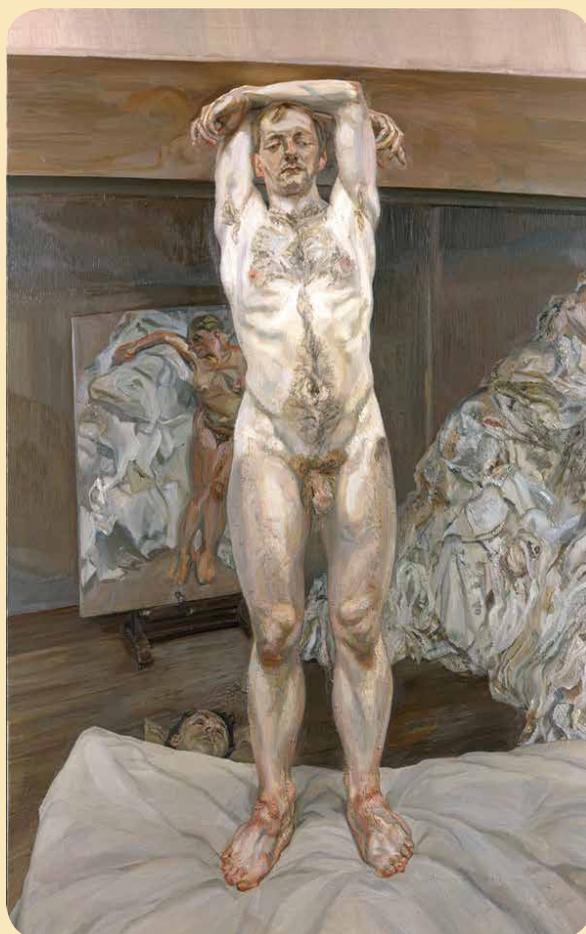
entre os críticos de que absorveu desde muito cedo os desenvolvimentos vanguardistas de Berlim e da Viena modernista. Com efeito, fez-se também as comparações entre suas obras e a figuração contundente dos membros e a coloração pálida de Ferdinand Hodler, o erotismo frígido de Gustav Klimt, o retrato macabro de Oskar Kokoschka e a apreciação de Egon Schiele sobre a forma humana flexível.



Homem nu na cama, óleo sobre tela, 1987.



Pintora e modelo, óleo sobre tela, 1987.



Dois homens no estúdio, óleo sobre tela, 1989.

34

Suas obras eram feitas de forma bem delicada e linear até que, a partir da década de 1950, começou a pintar com forte inclinação para um realismo expressionista. Passou a fazer parte de um coletivo chamado Escola de Londres, ao lado de Francis Bacon, que era, na verdade, um grupo de artistas que se conheciam e trabalhavam a pintura figurativa no meio do boom da pintura abstrata.

Suas pinceladas tornaram-se mais espessas, pois queria trabalhar texturas. Chegava a limpar seu pincel a cada pincelada, fazendo com que as cores ficassem constantemente diferentes, mas tipicamente pálidas.

Os retratos de Freud geralmente representavam os modelos, às vezes nus no chão ou na cama com um animal de estimação, a partir de um “ponto de vista superior”, pois sempre pintava de pé ou sentado numa cadeira alta. Para ele, a nudez era a pessoa como ela é, em sua vulnerabilidade e sensualidade, descrevendo-a por fim em sua forma interior:

Eu pinto gente não pela maneira que elas se parecem, não exatamente a despeito do que elas são, mas como elas por acaso se parecem.

Como exigia a presença dos modelos enquanto estivesse pintando até mesmo o fundo, acabou conhecido por períodos prolongados e somente seus amigos aceitavam modelar para ele. Sabe-se que um nu feito em 2007 levou dezesseis meses e o modelo esteve todas as noites com Freud. O pintor só terminava quando sentia que estava “pintando o trabalho de outra pessoa”.

Junto a seu estilo bem reservado e antissocial (chegou a dormir em um estábulo por preferir cavalos à pessoas), seus temas acabaram geralmente de pessoas nas suas vidas: amigos, familiares, amores, crianças, fossem homens ou mulheres.



Manhã ensolarada - Oito pernas, óleo sobre tela, 1987.

35



Pintor trabalhando, reflexo,
óleo sobre tela, 1993.

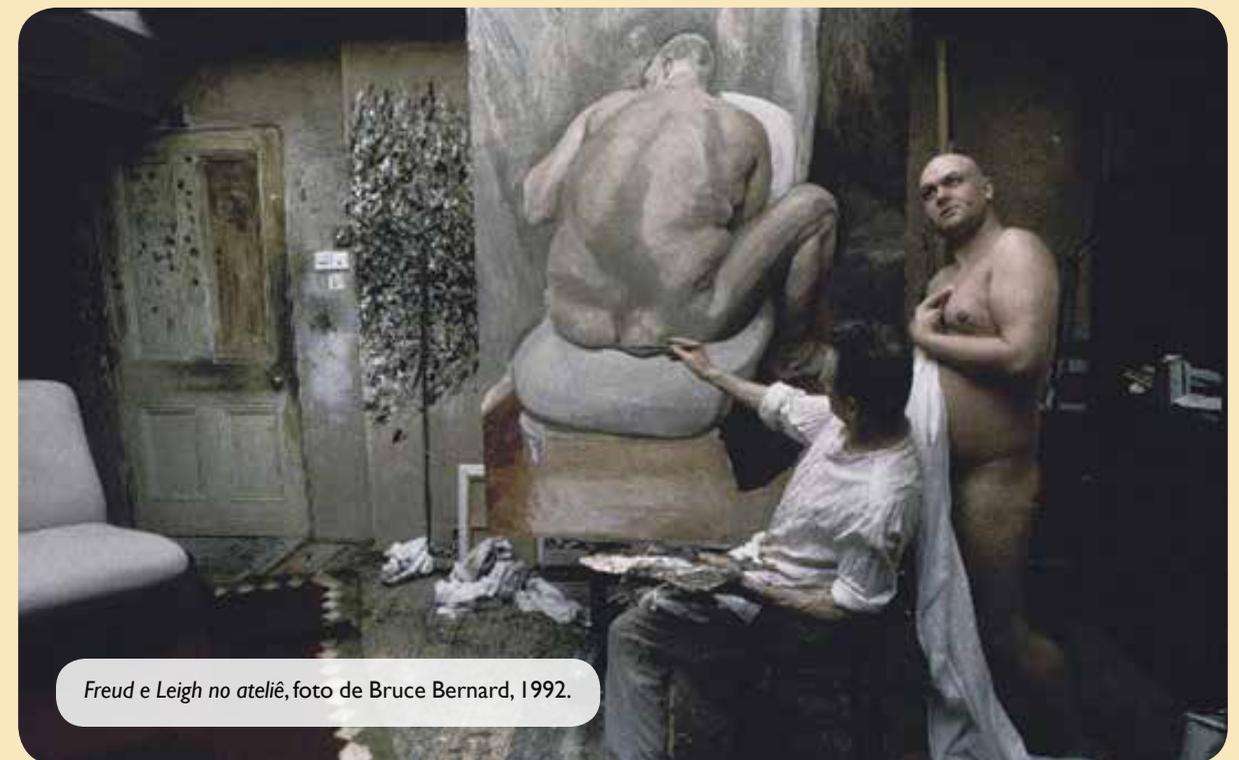
O tema é autobiográfico, tudo sempre tem a ver com esperança e memória e sensualidade e envolvimento, mesmo.

A postura recostada de seus retratados poderia vir tanto desse tempo excessivo de pintura quanto de uma relação direta com os divãs de seu avô, algo que não é certo, porém, críticos de arte tendem a empurrar essa ligação psicológica. Com o tempo, buscou a quase completa exclusão de tudo ao redor em cenários esquecíveis, quase irrelevantes, pois a cor da pele se ressaltava em detrimento do resto da pintura.

Na década de 1980, amigos o levaram a boate Taboo na esperança de fazer Freud abandonar suas cores monótonas. Lá conheceu Leigh Bowery e “Big” Sue Tilley e ambos tornaram-se seus modelos, pois Freud acreditava que eles eram “perfeitamente belos” em seus corpos. Freud chegou a pedir que Leigh raspasse todo seu corpo e o retratou em poses costumeiramente femininas para trazer o inusitado às convenções do retrato masculino. Em 1995, um dos quadros com



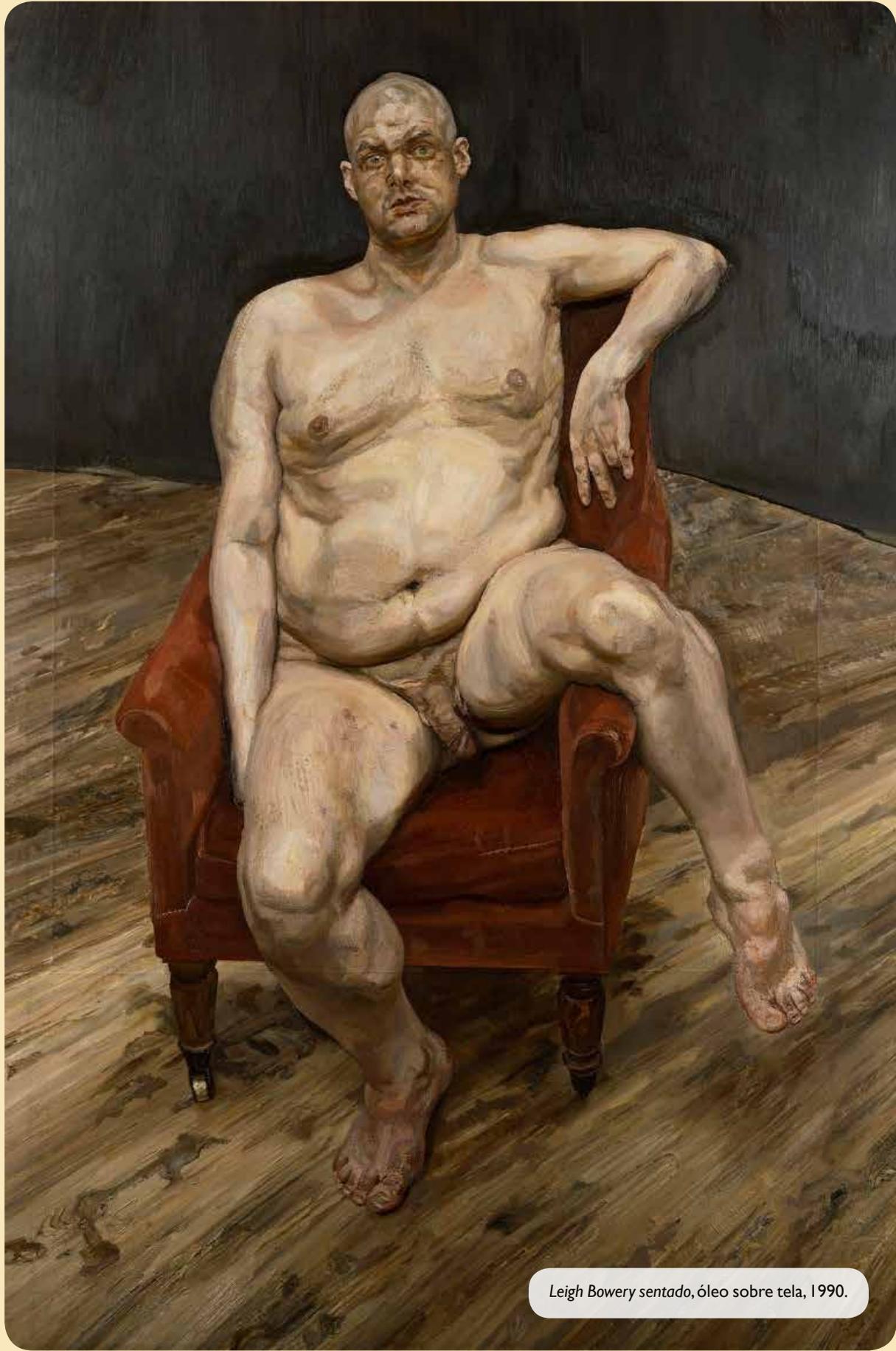
Homem com a perna levantada,
óleo sobre tela, 1992.



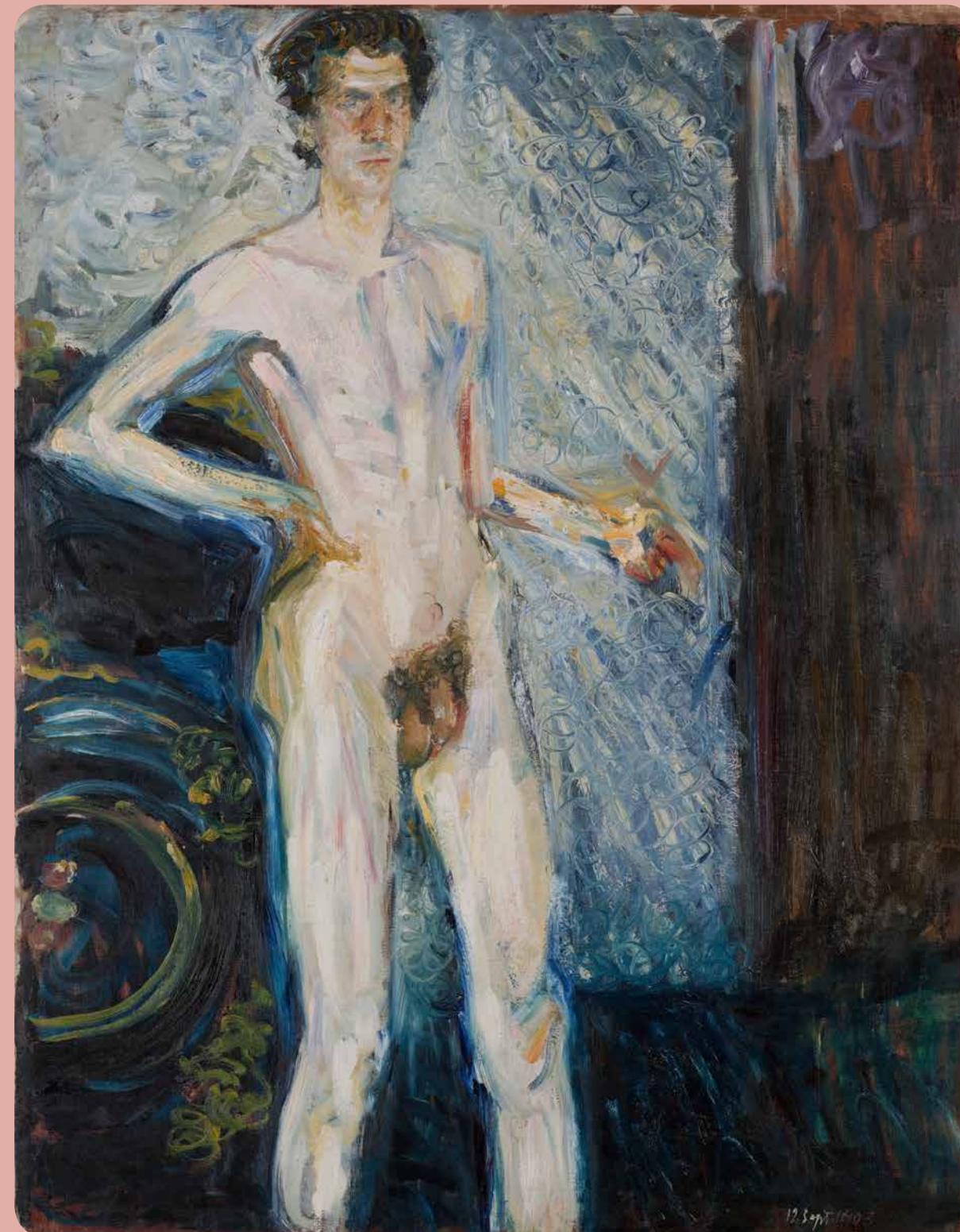
Freud e Leigh no ateliê, foto de Bruce Bernard, 1992.



Homem nu de costas, óleo sobre tela, 1992.



Leigh Bowery sentado, óleo sobre tela, 1990.



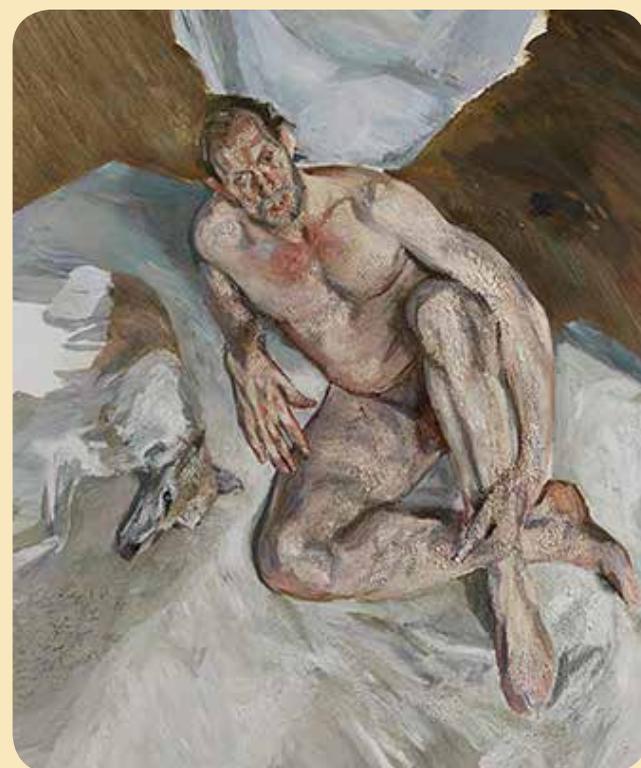
Autorretrato nu com paleta, óleo sobre tela de Richard Gerstl, 1908.



David e Eli, óleo sobre tela, 2004.

Abaixo: *Retrato do miserável (ou cão de caça)*, óleo sobre tela, 2011.

Ambos são retratos de David Dawson, seu assistente por 20 anos. A tela abaixo, sua última obra, não chegou a ser terminada.



Sue nua em um sofá foi vendido por mais de 30 milhões de dólares, batendo um recorde de venda para uma obra de um artista vivo.

Recebeu o Prêmio Turner no ano de 1989, mas não escapou das críticas. “Extremamente desconfortante” é o que mais se fala sobre a obra de Freud, pois a nudez crua de sexualidade ausente parece penetrar intimamente nos desejos e medos dos espectadores.

Faleceu em julho de 2011, não sem antes se tornar um dos mais conhecidos artistas britânicos por conta de sua percepção da forma humana. **8=D**

Nudez masculina: o mal-estar

por João Baldi Jr.
Jornalista e roteirista, escreve no *Just Wrapped* e no *Papo de Homem*. Texto publicado em 3 de setembro de 2013.

Uma das principais características do homem contemporâneo é que ele se sente extremamente desconfortável diante do corpo do homem contemporâneo.

Não, não como as mulheres que, expostas a séculos de padrões de beleza irreais e uma sociedade que cobra padrões estéticos um tanto quanto opressivos, acabam questionando a própria beleza e se cobrando de maneiras absolutamente injustas. Não, o homem contemporâneo não se sente tão desconfortável diante do próprio corpo – ainda que eu, com essa barriga, provavelmente devesse me sentir.

Na verdade, o homem, quando se sente desconfortável em relação ao corpo do homem, está quase sempre desconfortável com outro homem, não com ele.

Perceba. No banheiro, temos regras implícitas para o uso do mictório – você nunca deve usar aquele ao lado de um que já esteja sendo utilizado se puder usar outro. Temos momentos de desconforto em vestiários, porque um desvio de olhar num momento inadequado – “queria só ver onde tinha deixado minhas meias” – pode gerar momentos constrangedores.

Beijamos no rosto apenas pais e avôs, damos abraços apenas em amigos de longuíssima data, cumprimentando amigos normais com abraços tímidos, colegas com apertos de mão e conhecidos com acenos de cabeça que, quando usados em demasia, parecem um tique nervoso.

Ficamos desconfortáveis ante a visão de caras de sunga branca na praia, damos risadinhas babacas quando os caras do vôlei dão tapinhas uns nas bundas dos outros, tachamos de gay quem usa regatinha.

Isso acontece pelos mais diversos motivos, claro. Vivemos em uma cultura que, por muito tempo, viu demonstrações de afeto e de sentimentos como algo feminino. Homem não chora, homem não abraça e, se abraçar, não coloca a cabeça no ombro do amigo. Isso seria esquisito.

Claro, também vivemos numa sociedade que frequentemente ainda vê a homossexualidade como uma doença que pode ser contraída se você fizer contato visual com um pênis, ficar encarando um tórax ou assistir aquela cena de *Amor à toda prova* em que o Ryan Gosling tira a camisa, não como uma manifestação do desejo sexual do outro.

Aconteceu isso? Cancela o *premiere* do brasileirão que, de agora em diante, só tem programa de decoração e culinária pra você, cara.

44

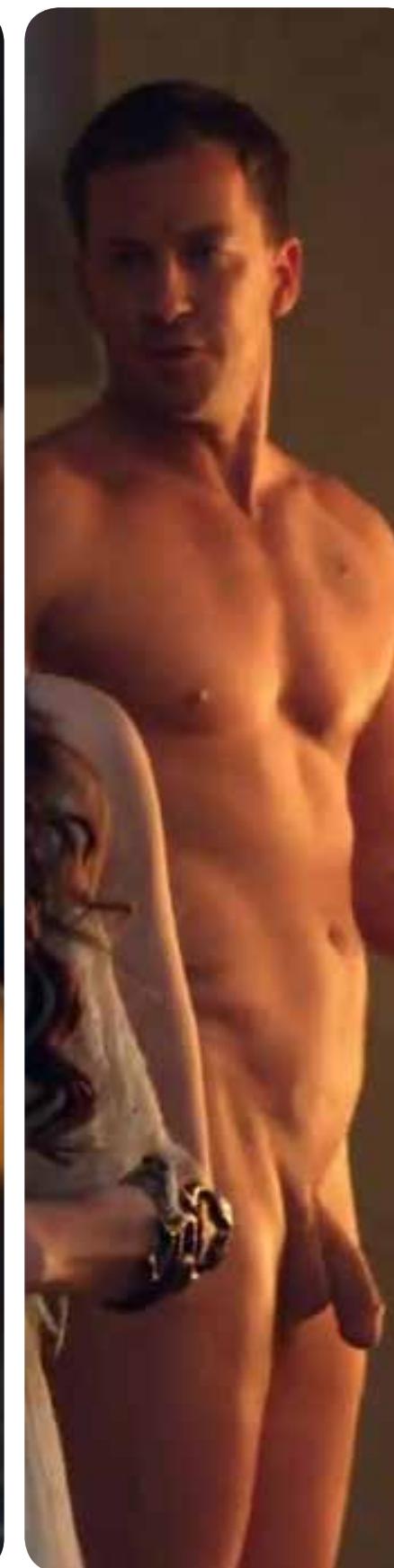
Uma TV Macho, porém com mais sutileza

Como vivemos em uma sociedade em grande parte moldada pelas necessidades masculinas – eu gosto da ideia de uma conspiração feminista subterrânea que algum dia será descoberta por Nicolas Cage, mas ainda nos faltam algumas evidências – esse desconforto do homem com o corpo de outro homem, somado à avidez desse mesmo homem hétero pela visão do corpo feminino, é refletida nos mais diversos aspectos da nossa cultura.

Pense no nosso cinema e televisão, por exemplo. Se numa programação normal, num filme normal, numa série normal, não é uma surpresa nos depararmos com o famoso binômio peitinho-bundinha – que vem sendo constantemente utilizado nos mais diversos contextos e gêneros, desde comédias até dramas, passando por terror e aventura, se mantendo ausente apenas das produções Pixar e Disney.

Com a nudez masculina a sistemática é claramente outra. Imagens de caras pelados, seja uma bunda, um tórax ou – choque dos choques – um pênis, aparecem em contextos muito específicos, boa parte de-

Ao lado: Manu Bennett, James Wells e Craig Parker na série de TV *Spartacus*, talvez a que mais tem nu frontal masculino na história da televisão.



45



les envolvendo séries de fantasia, gladiadores ou diretamente focadas no público gay. Mesmo nesses contextos, quase sempre numa proporção bem menor do que a boa e velha nudez feminina.

Ou seja, vivemos em um contexto no qual bundas e peitos de garotas aparecem em todos os lugares, mas para topiar com a bunda de um cara sem estar assistindo a uma série gay, ela precisa vir acompanhada de um aprofundado contexto histórico ou se passar num universo onde também existem dragões.

Uma campanha por mais bundas de caras?

Antes de alguém vir argumentar que, se quero ver bundas de caras, existem sites pra isso – porque sei que nesse momento tem alguém digitando isso nos comentários – eu queria explicar. Não como defesa mas como contextualização. Eu gosto mais de bundas de garotas e meu histórico do Chrome poderia claramente ilustrar isso, se eu não tivesse passado a usar a aba anônima por questões de bom senso.

A questão é que, assim como queremos ver peitinhos, violência, esportes, homens carecas que destroem suas famílias na busca ensandecida por poder no mundo do narcotráfico, na televisão e isso diz muito sobre quem somos, as coisas que omitimos ou evitamos também refletem diretamente o estágio no qual estamos enquanto sociedade.

O fato de que não sabemos lidar com a nudez masculina, mas exploramos em profusão a nudez feminina, fala muito sobre nosso machismo.

Fala sobre a forma como exploramos a mulher, sobre a nossa percepção de que o sexo delas pode ser usado para a diversão do homem – em programas que são considerados “normais” – e sobre como nós achamos que a transação não existe no sentido contrário. Fala também sobre como das vezes que consideramos a sua existência, pensamos que não se trata de um programa normal, mas de um programa “de mulher” ou “gay”.

Garotas se pegam em qualquer filme censura 14 anos, mas quando anunciam que dois caras vão se beijar numa novela das 8 – que na verdade passa às dez –, o carro do bom senso vira o *Transformer* da insanidade. As associações de proteção a família se manifestam como se esse evento fosse rasgar o tecido da realidade tal qual uma toalha de mesa usada numa cantina italiana.

Nas duas páginas: a série de TV *OZ* já mostrava a nudez masculina no sistema prisional americano em 1997, com atores bem conhecidos como Luke Perry e Chris Meloni.

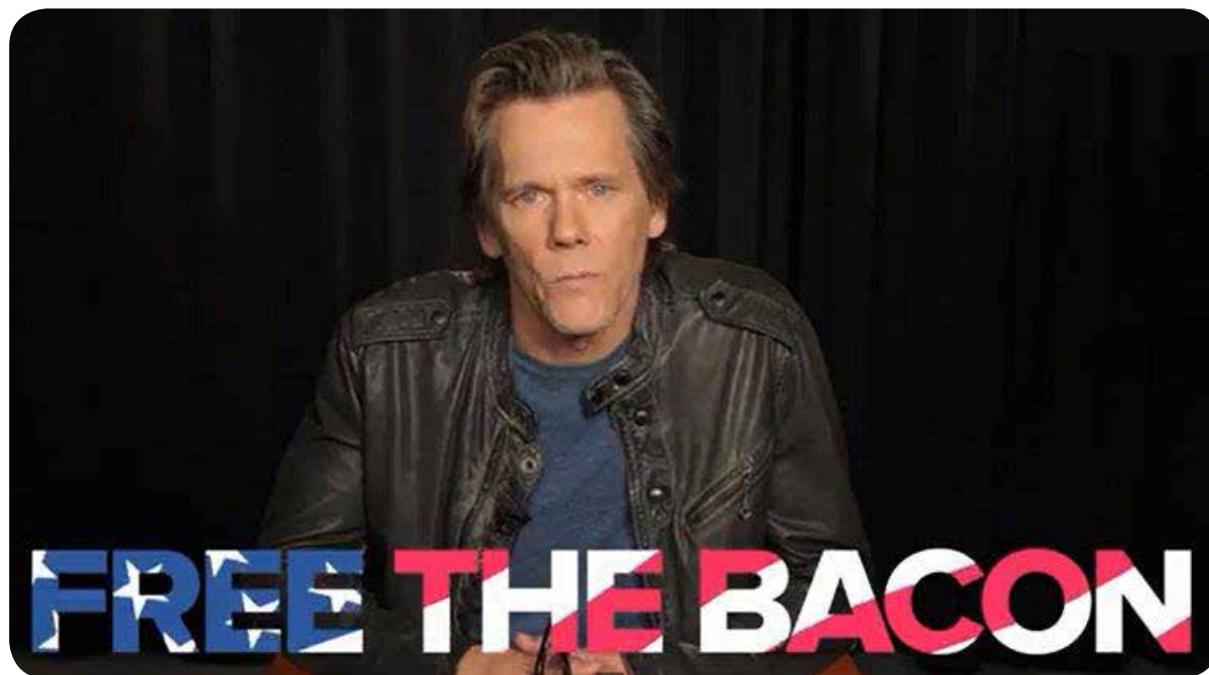


Estou dizendo que num mundo com mais nudez masculina no cinema e na TV nós seríamos menos machistas, menos homofóbicos, menos intolerantes, menos autocentrados? Não posso garantir, não tenho certeza.

Mas se eu fizesse um comentário desses, acho que o pessoal da pelada iria me olhar muito esquisito.

Acredito sinceramente que da mesma maneira que a ficção reflete a realidade, talvez ela seja uma boa ferramenta para que passemos a tratar com mais familiaridade as coisas que ainda nos confundem e desconcertam, sejam essas coisas traseiros de caras ou beijos gays.

Ao menos pra gente poder usar o mictório de forma mais confortável, sem ninguém olhando pra ninguém daquele jeito desconfiado. **8=D**

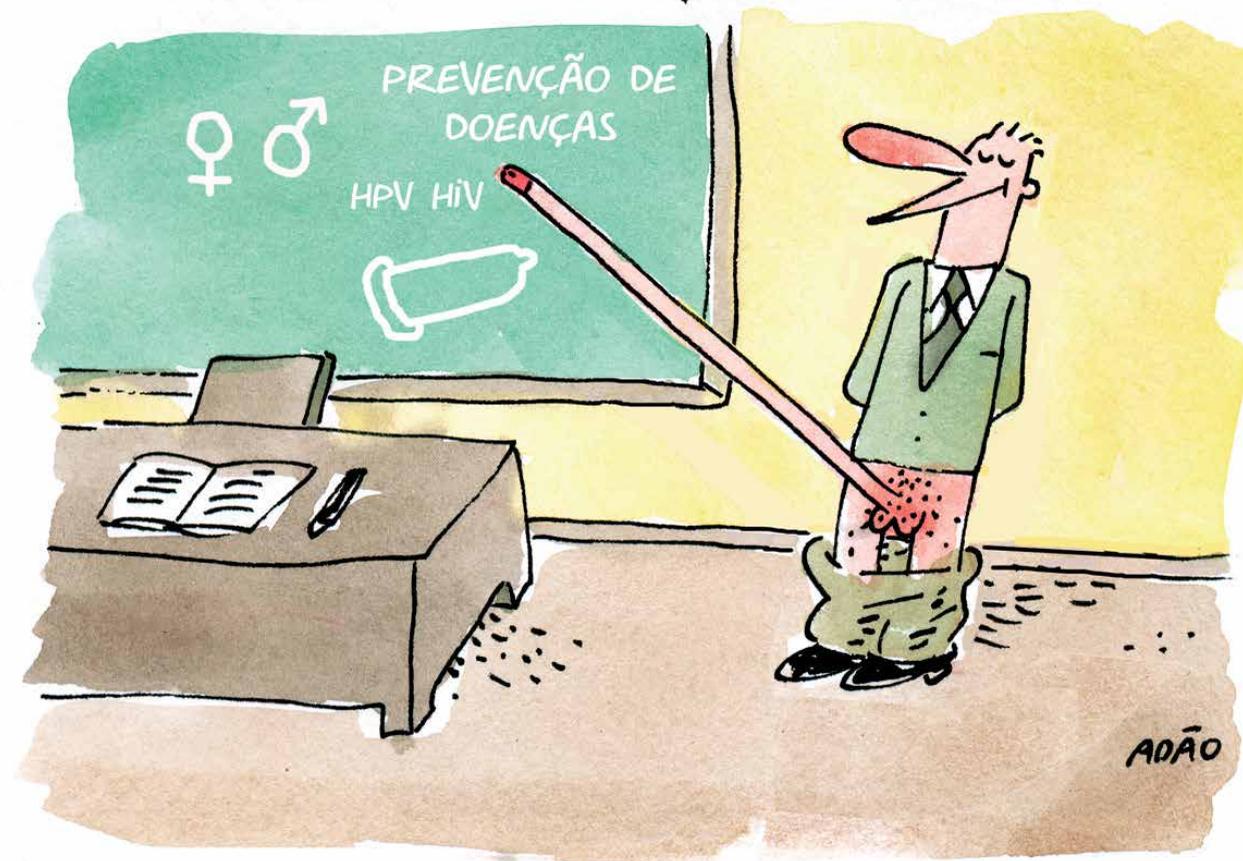


Brincando (mas falando sério), o ator Kevin Bacon lançou a hashtag **#FreeTheBacon** para aumentar a presença de nu masculino em Hollywood:

Em tantos filmes e programas de TV, vemos desnudez feminina gratuita, e isso não é OK. Bem, é OK, mas não é justo para as atrizes, e não é justo para os atores, porque queremos estar nus também. Cavalheiros, é hora de libertar o bacon! E, por bacon, é claro, quero dizer seu pau, suas bolas e sua bunda.

Em vídeo no YouTube, ele ainda cita *Game of Thrones* e *50 Tons de Cinza* como oportunidades justificadas de ir além da bunda masculina e mostrar também o pau. E não é que ele tem razão?

AULA DE EDUCAÇÃO SEXUAL...



Vocabulário Peniano

por Filipe Chagas

Pênis, pau, pica, piroca, pinto, rola, caralho... São vários os termos usados para nomear a genitália masculina e esses são os mais comuns. E não podemos esquecer de: anaconda, aríete, banana, bengala, bengala, berinjala, cacete, caceta, cajado, cassetete, caule, chibata, cobra, cobra-cega, drosoba, espada, espiga, estaca, estrovenga, jeba, mastro, membro, minhoca, neça, piça, pingolim, piupiu, tarugo, tico, ticão, tora, vara, varinha, verga, vergalhão, vergalho, viga... muito menos de FALO, o nome dessa revista.

O que achou dessa rola?

É só ter um formato cilíndrico (como o *cacete*) que alguém já chama, enxerga ou pensa em um falo. Se considerarmos o vocabulário regional (*estrovenga*) e as gírias urbanas de origens obscuras (*neca*, *jeba*), a lista acima só aumenta. Agora... se considerarmos os nomes particulares de como você chama o seu amiguinho ou o pau do seu namorado... aí a lista passa dos sete bilhões!

caceta /ê/ s.f. B tab. 1. m.q. *Cacete* ('pênis').

cacete /ê/ s.m. 2. p.ana. algo cuja forma comprida e/ou cilíndrica lembra a do cacete ('borduna'. 2.1. *Bengala, bastão*. 2.2. *infrm. o pênis, caceta*).

estrovenga s.f. 3. BA MG GO tab. *O pênis*.

jeba s.f. B. S. tab. *órgão genital masculino, pênis*. ETIM. *orig.obsc.*

O interessante é que algumas dessas palavras estão no dicionário com um verbete que as relacionam com a genitália. Mesmo que possuam seus próprios significados, já caíram na linguagem coloquial. Por exemplo, *banana*, *chibata* e *minhoca* estão no dicionário como *pênis*. Não podemos esquecer que *pau*, *pinto* e *rola* podem ser, respectivamente, um pedaço de madeira, um filhote de galinha e uma pequena ave columbiforme, mas estão tão arraigados em nossa linguagem que, em um texto como esse, se remetem automaticamente ao pênis.

banana s.f. 4. p.ana.(da acp. 1) *infrm. o pênis*.

chibata s.f. 6. B tab. *pênis*.

minhoca s.f. 3. *infrm. O pênis*.

pau s.m. 8. *infrm. ou tab. O pênis*.

pinto s.m. 3. *infrm. euf. m.q. Pênis*.

rola /ô/ s.f. 3. B N. B N.E. MG RJ tab. *O pênis*.



Reza a lenda que o nome daquele cesto que fica no topo do mastro de um navio, de onde o marujo grita “Terra à vista!” é *caralho* – e seria daí que teria vindo a expressão maravilhosa “Vai pra casa do caralho!”, ou seja, fique bem longe –, mas o dicionário não descreve isso. Diz apenas que uma interjeição que significa *pênis*. Já *pica* e *verga* vêm realmente do mundo náutico: enquanto a primeira é uma “peça delgada que entrava na construção da proa e da popa dos antigos navios de madeira”, a outra era de “madeira ou metal disposta transversalmente num mastro e da qual pende uma vela redonda”.

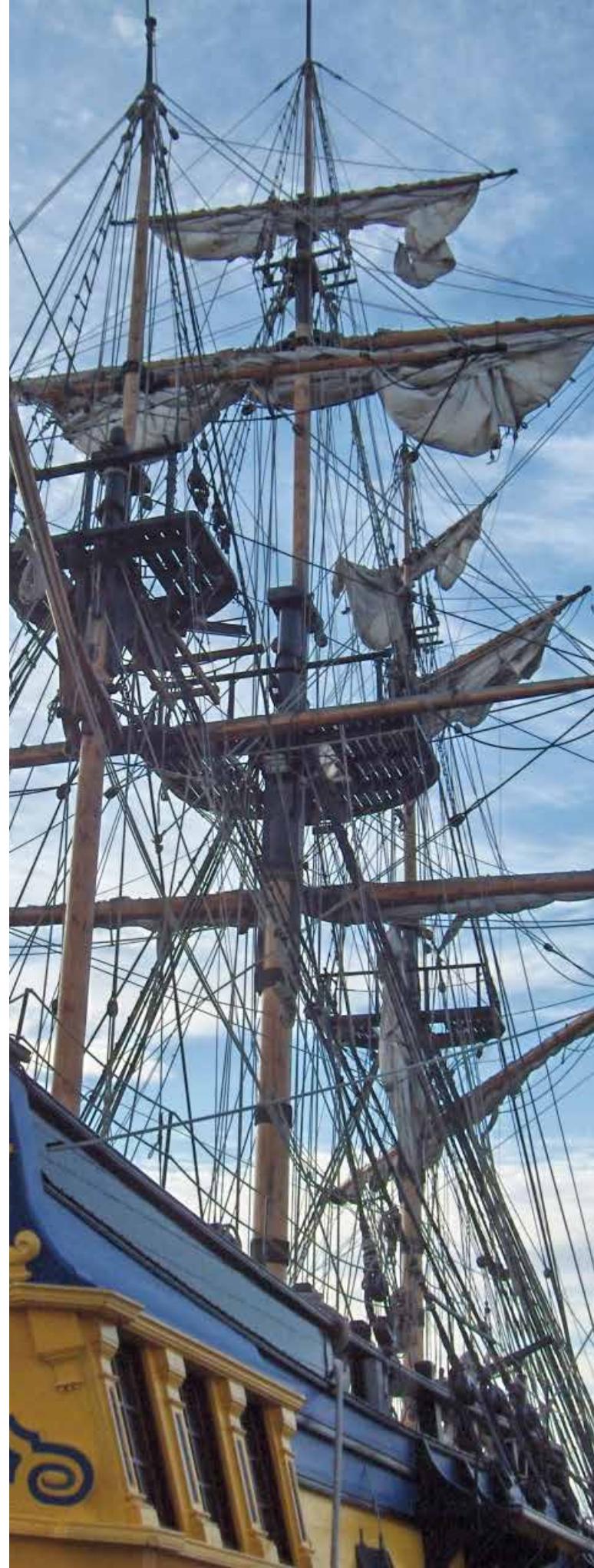
caralho s.m. tab. 1. O pênis. interj.

pica s.f. 3. (1813) tab. m.q. Pênis.

verga /ê/ s.f. 7. tab. O pênis; membro viril.

Aliás, *pênis* é científico, assim como sua explicação:

pênis s.m.2n. (1858 cf. MS) 1. ANAT. Órgão genital masculino dos vertebrados superiores que, nos mamíferos, é ger. constituído por dois corpos cavernosos e um tubo central, por onde passa a uretra, tendo em sua extremidade a glânde peniana, onde termina o meato urinário; membro genital. 2. ANAT. ZOO. Órgão copulador masculino de um animal invertebrado. ETIM. lat. *pênis, is* ‘cauda (dos quadrúpedes); membro viril’; f.hist. 1858 *pênis*. SIN/VAR. *falo*, *falus*, *pene*. HOM. *penes*(fl.penar) e *pênis*(pl.pêni[s.m.]). Noção de ‘pênis’, usar antepos. *fal(o)-*.



Médicos se referem ao pau como *pênis*. Seus pais devem usar *pênis* para falar sobre sexo com você, assim como os livros infantis (quer dizer... aqui você pode encontrar um *piupiu* ou *pingolim*). Já livros mais adultos vão citar o “membro viril entumescido” para falar de uma bela ereção porque o dicionário, entre outras definições, também descreve *membro* como um termo anatômico de forma científica.

membro s.m. 4. *infrm.* O órgão copulador masculino; **pênis**. m. genital. ANAT m.q. **pênis**. m. viril. ANAT. O pênis do homem.

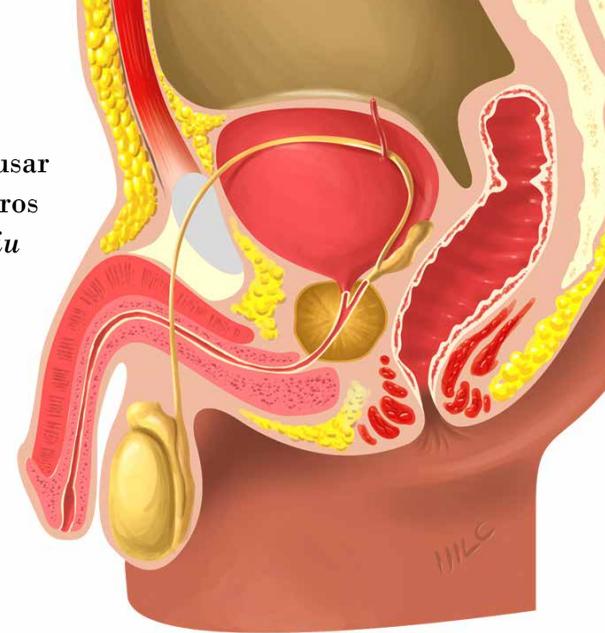
Bom... convenhamos que *pênis* e *membro* são bem melhores que “órgão copulador” ou “genitália” (mesmo que desnuda).

genitália s.f. 1. ANAT. O conjunto dos órgãos genitais, esp. os externos. 2. ANAT. ZOO. nos artrópodes, conjunto formado pelo órgão copulador e estruturas associadas.

Só que, dentre todos os termos, *falo* é, sem dúvida, o mais interessante:

falo s.m. 1. Imagem do órgão reprodutor masculino, esp. a que era carregada nos antigos festivais em honra a Dioniso, tb. dito *Baco*, para simbolizar o poder gerador da natureza. 2. ANAT. O pênis ou o clitóris, ou o órgão embrionário sexualmente não diferenciado que os origina. 3. ANAT ANAT ZOO. m.q. **pênis**. 4. PSICN. Função simbólica representada pelo pênis. ETIM. lat. *phallus, i* ‘figura que representava as partes sexuais do homem e que, nas festas de Baco, levava-se como símbolo da geração’, do gr. *phallós, ou* ‘pênis’; cp. f.erud. *fálus*.

O *falo* recebe função simbólica e ritualística: ele ganha poder. Não quero entrar em discussões políticas de gênero falocráticas (até porque, se você leu acima, viu que *falo* também é clitóris), apenas acho importante registrar que o pau era celebrado por sua capacidade de geração. Festivais (*Falofórias*) na Grécia antiga tinham sacerdotes (*falóforos*) carregando um *falo* em procissão; o Japão mantém até hoje o Festival do Falo de Aço (*Kanamara matsuri*) com a mesma ideia de fertilidade e abundância.





Claro que usar o termo falo como nome da revista não teve por objetivo criar uma seita que endeusa o pau. Mas, pela analogia com a flexão do verbo “falar”, a ideia é ser um espaço de discussão sobre a nudez masculina que nos liberte de pudores que interferem na naturalidade da forma.

Mas, atenção, leitores: depois de hoje vocês nunca mais vão usar o termo *piroca*. Sabem por quê?

piroca s.f. 3. *Pênis infantil ou pequeno.*
3.1. p.ext. *Qualquer pênis.* ETIM. Segundo Nascentes, do tupi *pi'roka* ‘calvo, pelado’; para o autor, “o nome do pênis menino vem da aparência da glândula”.

Estou certo? **8=D**

PS.: *Falorragia* – o nome dessa coluna – significa “hemorragia peniana”. Ok, isso deve ser bem dolorido... Mas esqueça o “escoamento de sangue fora dos vasos sanguíneos” e pense num escoamento de ideias fora da minha cabeça.



FALO

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

